



## **ESPACIALIDADE E ESPIRITUALIDADE: OS SABERES TRADICIONAIS KAINGANG**

**Giovanna de Carmen Puebla**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da CAPES

**Paula Vanessa de Faria Lindo**

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

### **1. Introdução**

A luta pela terra, a conexão com a ancestralidade e os saberes tradicionais indígenas se entrelaçam no Morro Santana, em Porto Alegre – RS, onde a comunidade Kaingang Gãh Ré reivindica seu território e pratica o bem-viver. Esta pesquisa dá continuidade a uma trajetória tanto acadêmica quanto militante, que é construída a partir da convivência próxima com o grupo e da participação ativa em suas ações de retomada territorial, desde 2019, época que cursava a graduação em geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que tem sequência na pesquisa de mestrado no PPGGEO da UFFS.

A pergunta de pesquisa que orienta este trabalho é: como se dá o exercício da espacialidade Kaingang por meio da medicina tradicional em contexto urbano? O objetivo geral é compreender a conexão entre o xamanismo Kaingang e o espaço por eles habitado em meio às relações atuais de colonialidade.

Os objetivos específicos são: a) identificar e analisar as práticas terapêuticas tradicionais da comunidade Kaingang no Morro Santana, com ênfase no uso de ervas medicinais e nos saberes que orientam o cuidado e a cura e; b) analisar como as práticas terapêuticas e a ocupação do território contribuem para a discussão sobre o direito à cidade sob uma perspectiva decolonial.

A relevância social da pesquisa se evidencia por valorizar os sistemas indígenas de saúde (com abordagens preventivas, comunitárias e integradoras dos aspectos físicos, mentais e espirituais), além de promover o empoderamento cultural e o fortalecimento da identidade étnica. A proposta também contribui para o diálogo intercultural, fomentando o respeito mútuo entre comunidades indígenas e não indígenas.



## 2. Metodologia

Adota-se uma abordagem qualitativa, de base etnográfica, com fundamentação teórico-metodológica na contracartografia (Kiminami, 2018; Carvalho, 2019; Freitas *et al.*, 2020; Puebla, 2023) e na pesquisa-militante (Jaumont e Varella, 2016).

Os procedimentos metodológicos envolvem mapeamento colaborativo, com o uso de *software* livre, integrando os princípios de SIG e as informações produzidas pela contracartografia. Inclui a realização de entrevistas semiestruturadas com a liderança espiritual (*kujà*) e as conselheiras da comunidade, bem como trilhas de “reconhecimento territorial” – conhecido como “mapeamento pelas pernas”, segundo Pires e Bitencourt (2021) – para localização e registro de áreas de coleta de ervas e espaços de significação espiritual.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, com parecer favorável da CONEP (CAAE: 81213124.8.0000.5564).

## 3. Resultados e discussão

A aproximação com a comunidade Gãh Ré, que impulsionou o início desta pesquisa, provocou transformações pessoais e acadêmicas, aprofundando o entendimento da cosmovisão Kaingang e das formas de ser e viver do grupo. O trabalho de conclusão de curso sobre etnomapeamento extrapolou os muros da graduação, motivado, também, pela realização do estágio curricular profissional no âmbito da FUNAI.

Além disso, um exercício foi feito para diminuir a barreira linguística, com a realização de um curso básico do idioma; a participação direta no projeto de reflorestamento da área (escrita e prática) e a especialização em educação escolar indígena. Tais ações revelam o comprometimento com uma abordagem respeitosa e implicada.

Apesar de ainda em fase de elaboração, a pesquisa já aponta elementos relevantes sobre a resistência cosmopolítica do grupo e sua ocupação do espaço, reivindicação do território e conservação do meio ambiente. O processo de demarcação no Morro Santana está em suspenso, no momento, passando por sessões de conciliação entre as partes. Porém, tão logo seja recobrado, será necessária a criação do grupo técnico de identificação e delimitação, com o qual este trabalho (e outros)



poderá contribuir, com indícios de ocupação histórica e com a representação cartográfica do território.

Com as evidências trazidas até então, sobre números de autodeclarados, dados sobre retomadas, escolas e saúde, compreendo que além de compilar as informações, venho trançando os estudos decoloniais com a geografia e a cosmovisão do grupo. Apenas um grupo, em apenas uma comunidade, em contexto urbano, umas poucas pessoas entrevistadas, mas as relações feitas com a teoria e a metodologia abrem passagem para futuros estudos nesse sentido. Mais aprofundados, com mais comunidades, multiétnicos...

A presença da comunidade Gãh Ré modificou esse pedaço do Morro Santana e as relações com a vizinhança (bastante enfatizado por Fernandes, 2024). Onde antes estava um caseiro contratado pelo pretense “proprietário”, cuidando de caixas de colmeias de abelhas, hoje se encontra um espaço geográfico social, um território convivido por várias famílias kaingang que cultivam hortas, criam porcos, galinhas, patos e animais domésticos, onde há uma escola indígena em processo de expansão. Durante as enchentes de maio de 2024, a Retomada foi um ponto de distribuição de água para pessoas que necessitavam, reforçando a prática de conservação perpetrada pelo grupo, a partir de seu entendimento de mundo.

Além disso, desde o dia da ocupação, a relação com a vizinhança também vem se construindo. Há quem apoie, há quem desaprove. Também há quem seja indiferente. Entretanto, é fato que a presença deu início a um processo de convívio intercultural na região. Rostos com feições distintas circulam entre ruas, casas e prédios que não estavam acostumados com essa movimentação. Adultos e crianças falando outro idioma, produzindo artesanato a partir de cipós. Dias festivos com comemorações ao redor do fogo de chão. Tudo isso vem sendo construído coletivamente em meio a tensões, lutas e resistências, provocando uma mudança cultural que transforma e rearranja o espaço do Morro Santana.

O trabalho de campo segue em andamento, com entrevistas, trilhas e o processo de pensar a contracartografia que possa representar o recorte desta pesquisa. Os registros são feitos a cada encontro, a cada visita à comunidade, tomando em conta os conhecimentos ancestrais sobre terapêuticas.

Os dados preliminares indicam que a territorialidade Kaingang no Morro



Santana vai além da dimensão física, expressando-se como espaço de memória, espiritualidade e resistência.

A produção do território pela comunidade envolve a valorização de práticas ancestrais de saúde, como o uso de chás, óleos e banhos, integrados à cosmologia Kaingang, em oposição ao modelo biomédico hegemônico (Freitas e Rokag, 2007; Gaudêncio, 2021).

Os mapeamentos colaborativos geram produtos cartográficos que evidenciam a relação entre as áreas de coleta de ervas, os locais de rituais e os limites da ocupação. Esses mapas se tornam ferramentas para a luta territorial, reforçando a identidade e os direitos da comunidade.

Há também forte relação com a crítica à colonialidade, materializada nas práticas espaciais da comunidade e nas suas estratégias de resistência ao avanço da especulação imobiliária sobre o Morro Santana (Ruwer da Silva, 2023).

#### 4. Considerações finais

A pesquisa evidencia que a luta pela terra e pela saúde são indissociáveis para a comunidade Gãh Ré – pois a existência mesma do povo é indissociável da terra. A contracartografia associada à pesquisa-militante, que preconiza investigação-educação- ação, se mostra uma metodologia pertinente e potente para desanuviar a interpretação sobre essa relação entre espaço, corpo e espiritualidade.

Mais do que uma contribuição acadêmica, o trabalho almeja contribuir com a comunidade no que se refere ao processo burocrático de demarcação e somar, sendo mais um foco de visibilidade, no entendimento do xamanismo Kaingang como ferramenta cosmopolítica.

Espera-se que os resultados possam subsidiar políticas públicas, fortalecimento das reivindicações de povos originários como um todo, além de fomentar novas pesquisas no campo da Geografia decolonial.

#### Referências

CARVALHO, Carina Richardt de. **Aplicação da Ecologia da Paisagem ao etnomapeamento e etnozoneamento de comunidade mbyá-guarani em espaços urbanos de Porto Alegre**. Trabalho de conclusão de curso, bacharelado em geografia. UFRGS, Porto Alegre, 2019.



FERNANDES, Eduarda Heineck. **Retomada Gãh Ré: processos de territorialização e dinâmicas de sociabilidade kaingang no Morro Santana, porto alegre.** 2024. 105 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

FREITAS, Ana Elisa de Castro e ROKAG, Francisco dos Santos. **O kujà e o sistema de medicina tradicional Kaingang – “por uma política do respeito”: Relatório do II Encontro dos Kujà, Terra Indígena Kaingang Morro do Osso, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.** v. IV, nº 7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jan/dez 2007

FREITAS, Marcos Wellausen Dias de *et al.* **Reflexões Metodológicas sobre o Etnomapeamento Coletivo de Comunidade Mbyá-Guarani da Tekoá Anhetengúá no Espaço Urbano de Porto Alegre.** In REGO, N. KOZEL, S. (orgs) **Narrativas, Geografias e Cartografias: para viver é preciso espaço e tempo.** Volume 1, p. 155-180. Porto Alegre: Editora Compasso Lugar-Cultura e Editora IGEO. 2020

GAUDENCIO, Jéssica. *et al.* **Conhecimento tradicional Kaingang: o uso de ervas medicinais.** ODEERE v. 6, nº 2, p. 35-53. jul/dez 2021

JAUMONT, Jonathan, e VARELLA, Renata Versiani Scott. **A pesquisa militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades.** Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 414-464, 2016

KIMINAMI, Cristina Akemi Goldschmidt. **Contracartografias: práticas críticas em um mundo hipermapeado.** Dissertação de mestrado. USP, São Carlos, 2018.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). **Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS.** Porto Alegre: Letra1, 2021. 760 p. Disponível em: [https://issuu.com/editora\\_letra1/docs/atlas-volume1](https://issuu.com/editora_letra1/docs/atlas-volume1). Acesso em: 12 mar. 2022.

PUEBLA, Giovanna de Carmen. **Gãh Ré em sua concepção territorial: os saberes ancestrais na contracartografia.** 2023. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

RUWER DA SILVA, Luís Gustavo. **Por um mundo onde caibam muitos morros: reflexões ontológicas desde o morro santana, porto alegre (rs).** 2023. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

### **Agradecimentos**

À comunidade Gãh Ré, por nos acolher e compartilhar seus saberes ancestrais e atuais.  
À CAPES, pelo subsídio que tornou possível a dedicação exclusiva a esta pesquisa.